

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.  
BRAZIL, (MÓEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 23000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

## AVEIRO

### PELA EUROPA

A irritabilidade, senão a insolência orleanista, veio incitar o ministerio francez a acabar de cumprir o seu dever. Nós nunca fomos partidarios da expulsão parcial adoptada pelo gabinete Freycinet. Não; a expulsão total, a expulsão total é que convinha por todos os motivos. E pelo lado da justiça, pelo lado da egualdade, pelo lado da liberdade, não havia que hesitar; o duque d'Aumale, o duque de Chartres, todos os outros duques e principelhos ficavam da mesma forma representando na França o principio do privilegio, da usurpação, da desigualdade odiosa que ninguem pode admitir onde haja cidadãos. Alem d'isso elles eram e são do mesmo modo pretendentes, do mesmo modo conspiradores, ou pelo menos fazem parte tão integrante da cadeia de preleções e conspirações que não devia nem deve haver para elles differença ou distincção de qualidade alguma.

Felizmente, pois, que o duque de Aumale provocou para consigo a resolução que deveria ter sido tomada logo no principio. E tanto mais felizmente quanto é certo que o duque de Aumale se collocou n'um campo desgraçado, em que não pode ser defendido por ninguem, campo arrogante d'insolencias, que vem simplesmente provar mais uma vez como a Republica tem sido frouxa e covarde, uma verdadeira monarchia sem presidente inamovivel. Ahi tem os republicanos, incluindo os radicaes de tanto valor como Anatole de La Forge e Barodet, o castigo da sua errada tolerancia, da má comprehensão de liberdade que os levou a votar ha poucos dias contra a expulsão dos pretendentes. Ahi tem o castigo na petulancia d'esse descendente dos Condés!

Realmente, não era d'esperar um arrojo de tal ordem. Ora supponham os senhores todos que nos lêem, de todas as opiniões e de todos os partidos, que um governo qualquer se lembrava amanhã n'este paiz de riscar dos qua-

ros do exercito portuguez o sr. D. Augusto de Loyola Raphael Agricola. Tinha razão o sr. Agricola, ou motivo para gritar que o esbulhavam dos seus direitos, que se alteravam as leis constitutivas do exercito. Quaes direitos? Os que seu irmão lhe deu por comprazer ou deferencia? Quaes leis constitutivas do exercito? As leis do exercito não dão foros de officiaes senão áquelles que adquiriram uma patente militar n'um exame de habilitação, que é uma especie de concurso publico, depois de varias provas de varias especies, ou aos que satisfizeram as exigencias de fileira depois de largos annos de serviço de sargento. Está o sr. Loyola (abrenunciado!) em alguma d'estas condições? Não está; logo não é militar, no que pese ás meninas aveirenses. E tanto não é que lá figura no proprio almanack do exercito como *general de divisão honorario!* Honorario, quer dizer de graça, por favor, inhabilitado de commando, á maneira de regulos africanos que também tem honras de coroneis e generaes do exercito portuguez. Pois o duque d'Aumale, o duque de Chartres e outros duques e principelhos orléans e bonapartes estão exactissimamente nas mesmas circumstancias do nosso Raphael Agricola, do nosso D. Affonso Pedro de Alcantara e do nosso D. Carlos Simão.

Já veem que não nos podemos senão rir dos furores de legalidade do sr. duque d'Aumale, que seu pae fez official do exercito n'uma hora de muito amado filho, e zangar-nos com a Republica franceza por ter consentido essas irregularidades e escandalos até hoje.

Nós não somos dos que veem a grande republica latina muito embaraçada. Não lhe falta o apoio da grandissima maioria da nação, não lhe faltam as sympathias populares, não lhe falta um brilhantissimo estado maior de homens eminentes em todos os ramos da actividade espirital. O que lhe falta é energia e *democracia*. Não se metta em aventuras tonkinesas, apesar do *Seculo* lh'o pedir a todo o transe, não repilla nenhuma opinião republicana, apesar dos anti-jesuíticos quererem forca e gemonias para os socialistas, não transija com os padres, apesar dos ernestos vocife-

rarem que os padres é que hão de salvar a republica, e tenha a certeza de que se consolidará cada vez mais. Cá e lá parvos ha! Não faltam lá ernestos, nem anti-jesuíticos, nem *Seculos*. Em guarda com elles todos, e de resto não ha perigo.

Em Hespanha, cada vez é mais embaraçosa a situação para a monarchia. Os ultimos debates parlamentares demonstram a agonia do regimen realista. Nunca se viu os deputados republicanos falarem com tamanho arrojo e franqueza! E se falam assim, se a monarchia já não tem a mão de ferro com que os obrigou a guardar as conveniencias durante uns largos onse annos é porque succumbe irremediavelmente. Perdeu a forca para os conter e então perdeu a forca para tudo. Está como os naufragos, que depois de luctarem heroicamente com as ondas, cruzam os braços n'uma resignação estoica convictos da morte que é inevitavel. A declaração a que os reblicanos levaram o sr. Sagasta de que collocava a soberania popular acima da monarchia, declaração muito importante n'um *finorio* de tal ordem e n'um paiz onde os monarchicos só vivem collocando a monarchia acima de tudo, a resposta altiva do sr. Salmeron, que a um interruptor que lhe dizia:—olhe que nós estamos preparados—respondeu com energia:—*tambem nós!* o discurso de Pi y Margall, que foi uma verrina tremenda para a monarchia e para D. Affonso XII, provam a quem não vê as cousas pelo alto que estão para muito breve graves acontecimentos na Hespanha. Era tempo. *Deus* os traga.

A lucta não está terminada na Inglaterra. Pelo contrario, ainda agora principia. A historia diz-nos que as duras provações para aquelle enorme paiz, veem-lhe sempre com as suas complicações internas. Não se aproveitará a Russia d'esta occasião para proclamar definitivamente a guerra que está para rebentar ha tanto tempo e que esteve por um triz ainda n'outro dia? E' possivel, mas é pouco provavel e então terá a Inglaterra que se arrender de mais de haver repellido a paz interna que Gladstone lhe propunha. Então fará a justiça que é devida ao que se pode

considerar o maior estadista da Europa, estadista na liberdade e na democracia, o polo opposto de Bismarck.

Os acontecimentos da Inglaterra são importantissimos sob todos os aspectos. Longe das complicações externas que podem acarretar, são no proprio interior d'uma grandissima responsabilidade. Os conservadores venceram, mas não triumpham. O combate vae recommear fero e tenaz. Não é só a questão da Irlanda. No fundo é a eterna questão do conservantismo e da democracia. Com a autonomia da Irlanda surgem os problemas que o espirito publico já debatia ha muito tempo. Veem a lume as questões operarias, as questões agrarias, as questões autonomistas que não são peculiares só á Irlanda, as questões de liberdade politica e de liberdade de consciencia, em que a camara dos lords é visada de preferencia, tudo isso que se precipita quando os espiritos estão feitos como estão feitos na Inglaterra. Porque, saiba-se, em parte alguma da Europa tem a massa uma consciencia tão clara e tão perfeita da democracia como na Inglaterra. Não julguem a Inglaterra de hoje pela Inglaterra de ha cincoenta annos. Em pouco tempo tem-se evidenciado n'aquelle paiz um tal progresso nos espiritos, que não é exagero affirmar que soon a hora das velharias inglezas. E as cousas velhas, apesar de carcomidas de carunchos muitas vezes, quando se destroem chegam a cegar a gente com a poeira que levantam.

### DOIS ANIMAISINHOS

Não ha ninguem mais justo do que nós. E vamos outra vez fazer justiça!

São um pouco conhecidas, ainda que a maior parte ignoradas, as *deferencias e delicadezas* com que o sr. Magalhães Lima tem tratado todo o mundo. Sabe-se que o sr. Magalhães Lima consentiu que um jornalista honradissimo fosse expulso com o estigma de ladrão d'esse antro imundo, que se chama o *Seculo*. Sabe-se que o sr. Magalhães Li-

ma consentiu que se dissesse, em plena redacção do *Seculo*, que a *Folha do Povo* se tinha vendido ao governo por não concordar com uma lista eleitoral do famoso directorio. Sabe-se que o sr. Magalhães Lima consentiu que no seu jornal se intrigasse a toda a hora contra todos os homens honestos do partido. Sabe-se tudo isso, sabe-se mais alguma cousa a que se tem alludido por abih varias vezes e ignora-se o melhor, que nós esperavamos occasião d'explicar quando o sr. Magalhães Lima sahisse á espera com que o temos picado tanta vez.

Havia, pois, e de ha muito, motivo de sobra para arremessar o sr. Magalhães Lima ao ostracismo que elle pede para os seus adversarios. Entretanto, todos tem sido para com elle da maior benevolencia, porque não só o tem consentido no alto lugar que occupa com grave prejuizo do partido e descredito inteiro da democracia portugueza, como nunca lhe faltaram com apoio e defeza calorosa em horas de perigo para si. Nós proprios, nós republicanos de Aveiro que elle tratou com a maior grosseria nas ultimas eleições de deputados pondo-nos fora do partido pela pressão que exerceu sobre o directorio para o levar a não nos consultar sobre a lista organisaada, quando foram consultados todos os centros e periodicos republicanos do paiz, nós redactores d'este jornal que tivemos de resistir ás calumnias e conspirações do antro da Rua Formosa, nós proprios sacrificámos tudo á solidariedade politica indo-lhe levar ao Limoeiro o nosso insignificante, mas lealissimo concurso. Nunca recebemos um bilhete de visita, agradecendo, o que é proprio da *educação e dos principios* d'aquelle famoso cavalheiro! Em compensação, deixou de nos enviar o papel em que rabisca quando a nossa independencia não permittiu que lhe adulassemos as sandices do costume.

O odio antigo foi-se accumulando n'aquelle coração, que é uma boceta de perfidias. Quanto mais verdades lhe diziamos, mais creencia contra nós um rancor pequenino e ruim. Elle hem nos queria saltar, mas tinha medo que *dessemos á lingua!* Faltava e falta muito que dizer.

Porem, (até que emfim!), hou-

## FOLHETIM

### PELA BEIRA

Apeei-me na gare da Pampilhosa, taciturno e somnolento, ahi por volta das 10 horas da noite. Indaguei pousada, e fui bater a uma casita modesta, ao *rez de chaussée*, com apparencias reveladoras d'um restaurante confortavel. Tive uma grande noite de somno: dormi como um santo patriarcha hebreu, sem cuidados, nem sonhos inquietadores. Dormi: e não houve indiscripção feminina ou eventualidade travessa, que me indispozesse com o sr. Morpheu. Era a influencia indomita do cangasso da jor-

nada a actuar duramente sobre a energia physica do individuo.

De madrugada, um pouco depois do sol ter despertado por detraz das serranias do nascente, com a magestade de um gigante, e de ter contentado o estomago com a stricta parcimonia de um collegial interno, trepei para um wagon e o comboio abalou comigo; com os passageiros, com as mercadorias, com tudo, n'uma derrota fugaz, pela linha da Beira. Relanceei então uma olhadela despreocupada pelos meus companheiros de viagem. Não senti sympathia ou preferencia por nenhum d'elles. Eram caras seccas, desbotadas, rudes. Apenas uma hespanholita de meia idade, bastante viva, ladina, tagarela consummada, olhos verdes, brincalhões, é que animava e quasi distrahia esta pequena sociedade mesclada, onde eu era apenas um parenthesis discordante. A *senhorita* tinha a bossa invariavel do commentario irritante e da satyra arrezvada.

Os nossos companheiros eram apenas comparsas ao lado d'ella. Ouviam e riam a seu modo. Na estação de Luso assomou á portinhola do carro um novo e extranho personagem, que tomou lugar fronteiro a mim. Era um padre. Inspirou-me desde logo a mais hostil antipathia. Vestia sordidamente. Trazia o pescoco, pouco limpo, cingido por uma colleira clerical, distinctivo sacro da matilha de Loyola; vestia a sua japona classica e umas pantalonas de safogadas, onde cabiam bem á vontade dois pares de canelas perpendicularmente. Entre mãos trazia um livro, que abriu e fingiu ler. Talvez fossem *As horas Mariannas*. Lembrei-me que aquelle hypocrita estava pedindo um vigoroso marmelleiro. Atraz do padre entrou também uma velhota timida e anafada. As pontes e os tuncos, que na linha da Beira são frequentes, foram um martyrio desapiedado para ella. Ora resmungava o credo a medo, ora se encomendava a quantos

idolos do ceo o receio lhe suggeria.

Foi então que julguei ter á vista uma medalha vulgar, preparada na mesma officina, com duas faces lucidamente distinctas. D'um lado a effigie d'um santarrão, d'um jesuita, d'um tratante; do outro o esboço d'uma mulher fanatica, estupidia, mas sincera.

O comboio la avançando sempre, algumas vezes com tenuo celeridade. A paisagem corria diante de nós e ia-se ficando para traz. Pelas alturas de Mortagua os campos, os montes e os valles começam a dilatar-se galbardamente, retomam o seu ascendente. Até alli o solo era cascalhento, barroso, rebelde á produção. Agora são as pezadas e alterosas montanhas, que desfilam alem, com os seus alcantis afilados, como a quererem escudar-se nas nuvens; outras já mais perto, com uma ligeira penugem verdejante a embellezar-lhe os contornos. E ao perpassar rapido, em toda a extensão sobresaem robustos

vinhedos, casitas e choupanas nos declives dos outeiros ou nas profundidades do valle.

O comboio parou finalmente em Nellas. Desembarquei, apesar de não ter ainda distinguido a meta da minha jornada. Nellas é uma terra pequena, nem bonita nem feia, com as frontarias das casas denegridas, á falta de cal, como em quasi todas as povoações da Beira. Em frente estendo-se, a encurtar-lhe o horizonte, a serra da Estrella. Um char-à-bancs vertiginoso, levou-me pela estrada de Cannes de Senhorim, ás caldas da Felgueira. Ora ou não jornadeava tão longe, se não tivesse de encontrar-me com meu pae, a quem ia visitar, e que lá se achava já ha dias a aproveitar a efficacia dos banhos.

Meu pae acolheu-me cordealmente, como um bom pae sollicito não pode deixar de receber um filho.

E' um caracter honnissimo, de uma probidade singular. Vive para a familia,

ve occasião de nos pegar. Quando já estavam impressas as palavras com que o nosso correspondente de Lisboa defendia o sr. Magalhães Lima das columnas do sr. Marianno de Carvalho, não por espirito de incoherencia ou de subservencia, mas por aquelle espirito de rectidão e de justiça que fará com que tenhamos de defender o sr. Magalhães Lima ou qualquer outro, quando o virtuosismo injustamente atacado, com a mesma independencia com que lhe esmagaremos as tolices, os erros, os crimes e os vícios, publicava o *Seculo*, de sabado 10 do corrente, em 1.ª noticia e grandes letras, sob o titulo— *A venda do Seculo em Aveiro*, isto que se segue:

«O nosso bom e dedicado amigo sr. Joaquim Fontes Pereira de Mello, com uma isenção, que muito o honra e nobilita, tinha-nos pedido para se encarregar, em Aveiro, da venda do *Seculo*.

Ante-hontem dirigiu-nos o nosso amigo um telegramma, mandando suspender a remessa da folha, e hontem enviou-nos o seguinte bilhete postal:

«... Arranjei um rapaz para vender o *Seculo* e logo no dia seguinte *oculta mão* m'o raptou; arranjei segundo e nem sequer m'o deixaram vender.

«Alguns meus correligionarios d'aqui não devem— segundo me consta— ser estranhos a esta *tramoia* de evitar a venda do nosso jornal.

Aveiro, 8 de junho de 1886.

J. Fontes Pereira de Mello.»

Como estas palavras nos foram enviadas em bilhete postal, não tivemos a minima duvida em lhes dar publicidade.

E nem sequer nos damos ao trabalho de as comentar.»

Resultam d'aqui varias cousas. Uma d'ellas é o intuito manifesto, mas atrapalhado, de nos babar, porque aquelles *correligionarios da tramoia*, a que se refere o *dedicado, honrado e nobilitado* parceiro do sr. Magalhães Lima, eram nós ou os nossos amigos mais chegados. Intuito manifesto e atrapalhado de nos babar porque nunca ninguém trouxe para publico, nem o publico d'isso quer saber, estas miserias de administrações jornalisticas. Um jornal vende-se, ou não se vende. Ninguém quer saber d'isso! Intuito manifesto e atrapalhado de nos babar porque a accusação que nos faziam fundava-se n'um— *consta-me*— e ninguém vae assentar accusações em alicerces tão frageis como esse. E de facto, logo dois dias depois, na terça feira immediata 13 do corrente, lia-se no mesmissimo papel do sr. Magalhães Lima:

«A proposito d'uma noticia publicada em o n.º 1:686 do seu jornal, sob a epigraphe «A venda do *Seculo* em Aveiro» em que fazia a transcripção do meu bilhete postal, cumpre-me dizer a v. que a parte referente aos meus correligionarios impedirem a venda do *Seculo* não é verdadeira, e que

foi simplesmente devido a más informações que eu commetti a grande leviandade de julgar alguns dos meus correligionarios capazes de semelhante acção.

Comquanto alguns d'elles não professem por v. a mais viva sympathia, teem contudo em grande consideração todo e qualquer jornal que preste serviços á causa republicana, quer elle tenha por redactor v. quer tenha um outro qualquer.

Pela inserção d'esta se confessa eternamente grato o seu correligionario

Joaquim Fontes Pereira de Mello.»

Não sabemos se os leitores pasmaram! O caso é para tanto, senão para muito mais.

Nós provavamos-lhe as suas incoherencias e elle ralava-se! Nós provavamos-lhe as sandices e elle desesperava! Nós provavamos-lhe as perfidias e elle morria-se! Nunca teve nem tinha uma palavra de resposta. Mas eis que surge no horizonte uma das miserias que lhe são peculiares, muito diferente ainda assim d'aquellas que elle praticava quando pedia aos seus amigos que rompessem relações com-nosco e nos devolvessem o jornal, e ei-lo folgando e saltando de contente. Em principios, em questão de doutrina, não sabia responder. Mas n'aquillo! N'aquillo é elle forte e toda a gente que o cerca.

Realmente as *Novidades* teem razão. Não ha *educação nem principios* como os do sr. Magalhães Lima!

Como se vê, o desgraçado cahiu na lama como sempre. Nunca se mette em questões que não vá de focinho para o chão d'uma maneira desastrada. Quem o mandou a elle praticar a deslealdade de publicar uma carta sem licença do seu auctor? Quem o mandou a elle fazer obra por um bilhete postal? Quem o mandou a elle lançar insidias repellentes sobre quem o tem sempre fulminado por uma coherencia e austeridade de toda a hora, apoiado n'um *consta-me* muito indeciso e muito vago? Para ficar com cara d'asno, para engulir tudo quanto tinha vomitado. Ora leva. Mas nem assim conseguirás metter um bocadinho de senso n'esse toutiço idiota. Supino palermeide!

Para concluir, só duas cousas. A primeira é que tendo o sr. Magalhães Lima publicado a insidia em 1.ª noticia do papel, devia publicar n'esse mesmissimo lugar a rectificação do sr. Fontes. Mas como todo o mundo lhe conhece os *principios e a educação*, procedeu como lhe é habitual:— arremessou a rectificação para os annunciados, para o fundo da terceira pagina, para os communicados que geralmente ninguém lê. E é isto chefe de partido! Se não fosse por um ultimo sentimento de respeito á politica que para ali descredita, haviamos de o obrigar pelo codigo da imprensa a cumprir o que não sabe cumprir por civilidade. Mas deixe, que não as perde. Se até aqui contava com-nosco, melhor e mais pode contar para o futuro. Vão os leitores reparando em tudo isto!

A segunda, é que ficando agora demonstrado que os republi-

canos d'Aveiro nunca se importaram nem se importarão que o *Seculo* se venda ou se deixe de vender aqui, mais demonstrado e averiguado fica que ninguém quer ler o papel do sr. Magalhães Lima na propria terra que se considera da sua naturalidade, e n'uma terra democrata e liberal em que são lidos os jornaes de todas as facções e cores politicas. Que popularidade!

Quanto ao sr. Fontes pouco temos que lhe dizer. Ha leviandades que são desculpaveis e outras que são indesculpaveis. Basta-nos accentuar que o sr. Fontes era *tao nosso amigo* que vivendo com-nosco uns poucos d'annos na maior intimidade, acreditou immediatamente o que qualquer garoto de jornaes lhe foi dizer em desabono da nossa seriedade. Ora vá passeiar! Isso já nem é leviandade. Tem um outro nome. Mesmo que fosse verdade o que o sr. dizia dos seus *correligionarios*, mais pundonor demonstravam elles que o sr. Praticariam um acto irregular, mas demais justificado pela affronta com que os tratou o sr. Magalhães Lima nas ultimas eleições de deputados. Sentiam a affronta, emquanto que o sr., que foi affrontado com elles, ia beijar as mãos de quem o affrontou. Pois vá. Tanto desprezo temos nós por certos republicanos de fora da terra, como por certos republicanos cá da terra. Já prescindimos d'elles todos ha muito tempo.

## A QUESTÃO DA IRLANDA

### II

Emquanto a Europa quasi inteira sauda com verdadeiro entusiasmo o velho Gladstone, que *cahiu victorioso*, e censura asperamente o antigo egoismo britânico, procuraremos nós reviver em artigos seguidos, no espirito dos leitores, os grandes soffrimentos d'esse pobre paiz que se chama Irlanda, soffrimentos de seculos, para que se avalie melhor da justiça que pretendia fazer o glorioso Gladstone e se deite um odio mais profundo a essa velha Inglaterra, quer dizer, á parte da Inglaterra retrograda, egoista, conservadora, que confirma na urna os seus despotismos horrendos. E n'este nosso trabalho não faremos senão traslalar para aqui o que está escripto em varios livros, o que declaramos por honra litterario-cientifica.

A Irlanda é um povo essencialmente agricola desde os tempos primitivos. A posse da terra em commum, o collectivismo que provoca tanto as berrarias de certos palermeides, foi alli, como quasi em toda a parte, senão em toda, um facto real nos primeiros annos de governo regular. Depois, ao passo que as guerras levavam ás necessidades de chefe, foram subtrahindo muitas terras ao patrimonio commum para se converterem em usufructo dos guerreiros e assim, a pouco e pouco, se accentuaram duas classes distinctas:— a classe dos homens ricos, dos aristocratas, e a

classe dos collectivistas, dos homens livres submettidos ao regimen da divisão dos logradouros publicos. Apesar d'essa separação natural de classes, os irlandezes nunca perderam o sentimento de tribu e conservaram-se por muito tempo n'uma união intima até que as rivalidades dos chefes os dividiram e enfraqueceram completamente. Foi n'este estado de divisão e de enfraquecimento que Henrique II de Inglaterra conquistou a Irlanda, ajudado pelo papa Adriano IV, que o auctorizou a reduzir á escravidão perpetua os infelizes da ilha *por honra de Deus e salvação das almas* (textual)

Os despotismos, as arbitrariedades, os roubos, os insultos para os pobres irlandezes começaram immediatamente. João, o primeiro governador da Irlanda, filho de Henrique II, mofava publicamente no meio da sua corte ingleza dos costumes dos vencidos, *povo simples e nada cavalheiresco* na sua opinião.

A Irlanda não foi uma nova patria para os conquistadores, como foram os paizes que conquistou a França, a Hespanha, Portugal, Alemanha e tantos outros. Não; foi um campo de exploração em que os habitantes foram tratados como o foram mais tarde todos os indigenas australianos. A Inglaterra nada respeitou da Irlanda e na Irlanda. O seu unico intuito foi inglezar tudo, pela força, pelo terror, por todos os meios arbitrarios e cruéis. Para se fazer uma ideia clara d'esse intuito feroz julgamos necessario explicar o estado da ilha no momento da conquista. Cabe, pois, aqui a palavra a um dos escriptores contemporaneos, Paul Fournier, que melhor estudaram a questão:

«Vê-se que na idade media, o estado da população irlandeza estava longe de adquirir os caracteres do feudalismo inglez. Tudo, na Irlanda, é incerto e mobil, como o genio celtico, tão inconstante como vivo e penetrante.

As instituições irlandezas que provocaram da parte dos inglezes mais acerbas criticas foram as leis de successão e o direito que tinham os chefes de exigir o pagamento das rendas em genero. E' sobre esses pontos, portanto, que nos deveremos deter.

Spenser expõe um dos costumes successores (de successão) da Irlanda, conhecido pelo nome de *tanistry*. Em virtude d'esse costume, os irlandezes d'um *sept* ou d'uma tribu elegem o chefe, sem se importarem com o descendente directo do chefe precedente. A escolha recabe geralmente n'aquelle dos parentes do chefe anterior que lhes parece mais apto para desempenhar o officio. O chefe futuro é designado em vida d'aquelle a quem deve succeder e fica com o nome de *tanist*. E de facto não era uma inutilidade conhecer-se o chefe antecipadamente n'uma sociedade cujas tribus sustentavam guerras continuas umas com outras e onde, por consequencia, acontecia no geral os chefes morrirem de morte violenta. A dignidade de chefe foi electiva, em quanto houve irlandezes independentes.

No seculo deseseis contavam-se sessenta chefes de raça irlandeza: abaixo d'elles, havia chefes inferiores que governavam os grupos secundarios entre os quaes se dividiam as tribus.

Nas familias a successão era diferente, geralmente regida pela lei do *gavelkind*. As propriedades inferiores eram divididas por todos os varões (machos) do *sept*, legitimos ou illegitimos; se um membro do *sept* morria depois da partilha, a sua parte não era dividida entre os seus filhos, mas o chefe fazia uma nova divisão de todas as terras pertencentes ao *sept* e dava a cada um uma parte proporcional á sua antiguidade.

O *sept* não é outra cousa se não um grupo de homens bastante approximados d'um auctor commum para que o seu parentesco fosse real ou pudesse passar por tal. A lembrança do antepassado não desaparece; fica precisa e viva em todas as memorias. Por isso se mantem n'esse ponto as regras da legislação primitiva, mesmo n'um tempo em que o estado antigo das tribus irlandezas é profundamente alterado. «A constituição primitiva da tribu, ou da familia... cessa gradualmente de ser um facto social existente, e não apparece mais senão como um principio de distribuição dos bens dos defunctos por um modo que nos pareceria inexplicavel, se não soubessemos que representa um systema de que desapareceram os outros efeitos (Ancient Laws, IV, pg. LXV)» Assim a lei de successão que chamava os agnatos e os gentis á hereditariedade sobreviveu muito tempo á antiga constituição do povo romano»

## DOIS BENEMERITOS

Com este titulo acaba de ver a luz da publicidade um livro interessante, que deve ser lido e estudado por todos aquelles que desejem conhecer o que ha de bom no seu paiz, podendo admirar em José Maria Assis e Constantino Cumano dois dos mais dedicados e perseverantes obreiros da humanidade.

O seu auctor, o sr. Manuel Velloso Armelin Junior, quartanista em Direito, prestou um relevante serviço á sociedade publicando os *Dois Benemeritos*, trabalho onde se revela um estudo aturado, intelligente e consciencioso e uma critica imparcial e justa, livre de todas as peias, que podessem actuar sobre ella e marear por isso o merecimento da sua obra.

Escripta n'um estylo elegante e ao mesmo tempo singelo, a sua leitura torna-se amena e prende facilmente a attenção, qualidade apreciavel, que faz com que se digiram com a maxima facilidade as suas tresentas e oitenta e seis paginas, o que é realmente assombroso, tendo nós em geral os paladares degenerados pela leitura piegas de romances de dois tostões.

Ainda aqui revelou o sr. Armelin qualidades superiores de litterato, manejando a sua penna

à cabeceira da mesa. E' um velhote ainda fresco, de suissas pardas, esguio e magrito, o seu que de concentrado. Um verdadeiro diplomata em ferias. Seguiu-se-lhe o conde de Gouveia, um sujeito loquaz e gracejador, que distrahia a pragmatica gastronomica com o seu humorismo habitual. Pareceu-me um titular insinuante, menos mau. Tambem havia um commendador, já caduco, que fechava esta escala triologica de nobreza. Um personagem, muito diferente dos primeiros, beliscou-me igualmente a curiosidade. Era um typo de *brazileiro*, d'esses portuguezes meios rusticos, que vão aos Brazis cavar dinheiro, e depois regressam á patria para fruir os proventos do trado, como qualquer burguez abonado. Eu nunca tinha visto uma encarnação mais lucida do Taborda. Era o seu segundo tomo. Faltava-lhe a variante comica do figurino. A intelligencia parecia ter emigrado d'aquelle cerebro de tapuya.

e vota á sociedade essa indiferença superior, integral, que o eleva sem o malquistar. Conhece de sobra a sociedade e foge d'ella. E' um coração aberto para o lar e cerrado para a vileza do mundo, que até na infamia tem progredido.

A Felgueira é um logarejo acanhado, triste, com as suas casinholas desengraçadas, pardacentas e toscas. E' feio aquillo. Se não fossem as vastas serranias que a circundam, com o seu todo senhoril e protector, as suas encostas semi-verdejantes e ao fundo o Mondego, serpenteando doidamente por entre as fragas que orlam o sopé da cordilheira, tropeçando espumoso nos agudes escaldados, que parecem querer embargalhe a caudal ligeira; se não fosse a garridice alpestre dos seus arredores, Felgueira, que já de si é pessima e aborrida, tornar-se-hia um verdadeiro inferno de Dante, com as modificações relativas. E' um lugar pobre de tudo: de comodidades, de dinheiro e de gente. Os

casas indigenas não attingirão o numero de dose. Os banhos são frequentados principalmente por individuos da Beira. Estão agora a desenvolver-se, principiando a acreditar-se. Atribuem-lhe duas applicações medicinas. Combatem simultaneamente o reumatismo e as enfermidades de pelle. Por conta de uma companhia, que contratou as aguas, anda agora a construir-se um edificio bastante regular e elegante, destinado para casa de banhos.

Quem tiver de ir para a Felgueira, apparehe-se antes da partida. Deve levar uma carrada de comestiveis variados e indispensaveis. Faça-se a companhia d'uma creada e vá installar-se n'uma casa de aluguer. Nada de ir para a hospedaria, que o estomago pode lá insurgir-se e pecar obstinadamente. E eu irei evidenciando o motivo da minha prevençãõ. De facto almocei e jantei na hospedaria, a unica que tem as caldas, que é tambem propriedade da

tal companhia, que alli é representado por um D. Rodrigo, hespanhol sanguineo, amante impetuoso de touradas.

O aspecto da sala de jantar, á primeira vista, era agradável; a-mesa estava bem disposta e com limpa. Tomei lugar n'uma das suas extremidades, ao lado de meu pae. Era verdade tudo quanto me tinham dito. Alli, onde alguns commensaes titulares se sentavam, era-se servido mesquinamente, pessimamente pagava-se tudo caro: comida, domicilio, luz, o diabo emfim.

Havia verbas atrevidas, que tinham orçamento em separado. Era uma receita indirecta. Os hospedes queixavam-se surdamente. Mas a exploração corria a retalho. Lembrei-me que a Associação Catholica tinha na Felgueira uma legitima succursal.

de forma a não tornar-se fastidioso ainda aos paladares mais refratarios.

Na sua obra, arroga-se o auctor a tarefa ardua mas brilhante de justificação cabal e completa de todas as calumnias e difamações de que tem sido alvo o philantropo especialista de Faro, José Maria Assis, e, digamolo affoutamente, conseguiu triunfantemente o fim a que se propoz.

Abrindo o livro, depois de breve prefacio, com as biographias primorosamente escriptas e bem tratadas dos seus dois heroes, o auctor prosegue n'uma quasi interminavel serie de artigos desvendando ao publico tudo o que passara e soffrera, todas as luctas que sustentara, todas as intrigas que superara, todas as invejas que desmascarara, todas as injustiças que o feriram e todas as dores que alancearam o sympathico especialista José Maria Assis, desde 1866, em que principiou a sua nova carreira até nossos dias.

E' um trabalho improbo mas collossal, e o sr. Arnelim deve sentir-se orgulhoso da sua conclusão.

Sem archivos, nem dados alguns que o podessem elucidar n'este dedalo de 20 annos, custa a crer que se podessem colligir tantos apontamentos, artigos, noticias, etc. etc. dispersos ao acaso por innumeradas publicações periodicas e litterarias.

Nada enfim escapou ao seu auctor, e sendo, como foi, o seu fim a victoria do bom e do justo, deve dar-se por satisfeito porque seria difficil se não impossivel, poder-se desempenhar melhor da tarefa que voluntaria e nobremente se impoz.

Inscrevendo estas linhas, tivemos em vista tornar conhecida do publico uma obra de verdadeiro interesse publico, que todos se devem apressar em adquirir, e conjunctamente felicitar o sr. Assis, ao qual nos une uma verdadeira estima e dedicação, prestando outrosim ao talentoso auctor do livro o tributo do nosso respeito e admiração que inspiram sempre os que tão galhardamente sabem destacar-se da penumbra mesquinha da vulgaridade.

\*\*

## Carta de Lisboa

16 de julho.

Terminou a questiuncula entre os srs. Magalhães Lima e Marianno de Carvalho. Terminou, em um modo de falar. Voltam á descompostura não tarda muito tempo. Mas suppondo que terminou, é de justiça dizer-se que terminou d'uma maneira desgraçada para o sr. Magalhães Lima. Como sempre, poder-se-hia acrescentar com verdadeira propriedade!

O sr. Marianno de Carvalho desceu muito. Enquanto a regateira do largo de S. Roque esteve no caso dos subsidios da companhia de Torres Vedras e nas descomposturas á mesma pelo sr. Magalhães Lima, esteve bem, mas quando passou para a historia do espeto e principalmente do Olympio, collocou-se n'um terreno escoreggiado como todos os diabos. Pois que culpa tinha o sr. Magalhães Lima do Olympio ser este ou aquelle? Que relações de honradez podiam existir entre ambos? Perguntas que vinham naturalmente ao espirito de todos e a que a consciencia de cada um respondia sempre muito desfavoravel para o sr. Marianno de Carvalho. Portanto, o campo era do sr. Magalhães Lima. Estava á vontade, estava desaffogado. Todas as vantagens eram suas, vantagens de logica, de verdade, de força moral, de apoio popular. N'um campo d'esses e com espaldas de tão fina tempera, só podia cair quem as não soubesse manejar não digo já perfeitamente, mas com certa regularidade e

apresentação. E o sr. Magalhães Lima cabiu como eu ainda não vi cair inepto nenhum. Em lugar de esmagar jornalisticamente o ministro da fazenda porque tinha como e por onde, ou em lugar de saltar para a rua como homem desde que desciam tão cruelmente a revolver-lhe a vida particular, a pô-lo abaixo d'um typo de que todo o mundo se envergonha, preferiu infantilmente pôr termo na questão reservando-se para mais tarde liquidar pessoalmente as suas contas com o sr. Marianno de Carvalho. Cebolorio, cebolorio! Caiu sem que se lhe possa dizer sequer ao menos:— *requiescat in pace*. Caiu indignando a gente.

Mas cesse tudo quanto a antiga musa canta, que outro valor mais alto se alevanta. Cesse tudo quanto se dizia do sr. Magalhães Lima; a sua imbecilidade nunca subiu tão alto ou desceu tão baixo, fica isso ao sabor de cada um, como n'este momento em que o seu nome corre de bocca em bocca na grande massa democratica de Lisboa, em que os republicanos dão com as cabeças na parede por causa das toleimas repetidas do presidente do club da rua Formosa. E' bem feito. Não estamos nós fartos de lhe dizer que o sr. Magalhães Lima ha de dar com tudo em pantana? Não estamos nós cansados de repetir que o verdadeiro cancro do partido republicano é o *Seculo*, que d'alli é que sahem, a par de todas as calumnias e intrigas, todas as loucuras de que temos sido victimas? Não sabem vocemecês, srs. republicanos, que o sr. Magalhães Lima poderá ser tudo, menos chefe de partido, menos director de qualquer cousa n'esta vida em que seja necessario ver uma pollegada adiante do nariz? Não sabem vocemecês, srs. republicanos, que no *Seculo* não estão senão parvos, que não ha lá um unico homem de talento, porque talentos não se querem lá, que não se senta a uma d'aquellas bancas a escrever um unico individuo, não digo já com talento, mas com certa perspicacia para levar as cousas direitinhas? Para que vociferam vocemecês contra quem vos diz estas verdades? Então vocemecês julgam que isto de fazer politica, de educar os espiritos, de formar gerações, de derribar monarchias e organizar republicas é o mesmo que vender um barril de manteiga ou quatro toneladas de bacalhau? Então aguentem-se. Então levem para baixo, e calem-se, que a culpa é vossa e só vossa. Vós é que sois os responsaveis d'este estado social! O sr. Magalhães Lima não é senão o vosso espirito, o vosso representante, a vossa identificação social! E se o não fôra, ha muito que teries corrido com elle. Ora pois!

Mas tudo isto, queridos leitores da provincia, vem a proposito d'esse charivari medonho que se deu ante-hontem nos Recreios, citado e criticado vivamente, hontem, por todos os jornaes da noite, e hoje por todos os jornaes da manhã. Um escandalo, uma vergonha, uma miseria como não ha outra! Expliquemos.

Ha quinze dias aproximadamente que o *Seculo* vinha falando d'um drama—A Republica—que se deveria representar no dia 14 de julho, nos Recreios, para solemnizar a tomada da Bastilha. O nunca esquecido e lembrado *Seculo* contava maravilhas do drama. Fez a apothose do seu auctor—um sabio talvez, um Alexandre Dumas Fils, um Sardou. Desconhecido, sim, mas embora. Um grande litterato sempre, que já recebia cartas de França e não sabemos se de mais alguma parte, um benemerito, um patriota, cujo nome, Luiz da Costa, era decorado pelo Zé republicano electrisado pelo divino entusiasmo da democracia. Alem de sabio, elle e a *sabia* commissão da funçanata eram uns grandes benemeritos que davam bilhetes ás creancinhas dos clubs para ir edu-

carem o espirito nas grandes licções civicas, nos grandes exemplos da Republica. Emfim, até aqui só havia um grande nome na Republica; o nome do sr. Magalhães Lima. De futuro haveria dois, dois grandissimos, dois enormissimos nomes:— o sr. Magalhães Lima e o Luiz da Costa.

Está claro e é de ver que o directorio, quer dizer o partido republicano oficialmente, tinha de assistir á famosa apothose. Foi, e o theatro encheu-se. Mas oh ceos, quando todo o mundo esperava ver os principios republicanos coroados de louros, sahe da scena uma saraivada de couces de tremer a terra, na gloriosa revolução franceza. O Luiz da Costa, de mãos no chão, mostrava as ferraduras ao publico e o publico via com pasmo que as ferraduras tinham a marca Navarro-Marianno. Haviam sido fabricadas nas officinas do governo!

Façam ideia do que succedeu. Quebraram-se cadeiras, saltaram-se imprecações, a pateada foi medonha. Os olhares voltavam-se furibundos para o camarote do directorio, onde estava o grande Deus Sebastião, com o propheta Alves Correia e o papa Ernesto, segundo me informam. Que trindade! Alguns republicanos chegaram mesmo no auge do desespero a exclamar para o camarote do directorio, referindo-se ao sr. Magalhães Lima:—sáia d'ahi!

O Luiz da Costa viu-se em perigo, mas infelizmente nem uma costella lhe quebraram. Um charivari, uma vergonha, uma miseria nunca vista, n'um dia d'aquelles, no dia anniversario do acontecimento mais notavel que o mundo tem presenciado!

Mas o que foi isso, exclamam os leitores anciosos de conhecerem a fundo a historia? Não foi nada! Foi o sr. Magalhães Lima que fez o que lhe é habitual. Elogia os individuos, como os deprecia:—sem os conhecer. Elogiou o Luiz da Costa e não sabia quem era o Luiz da Costa! Fez reclame quinze dias ao drama e nem o tinha lido, nem tinha assistido a um ensaio, nem sabia nada do que estava impingindo ao publico! O Luiz da Costa, o heroe, é um borbotas que ninguém conhecia, salvo o sr. Navarro ou o sr. Marianno de Carvalho. Encarregaram-n'o de escrever aquillo bem ou mal e elle escreveu mal, mas escreveu. Como conheciam o sr. Magalhães Lima armaram-lhe o laço e elle cahiu, não como um lobo mas como um pato! E falou do Moreira Lobo o palerma! Nunca esperámos que o sr. Moreira Lobo se vingasse tão depressa. Finalmente o caso foi tão escandaloso, tão ridiculo, tão baixo, que o sr. Magalhães Lima pede hoje no *Seculo* que lhe *perdoem*, que *tenham dó d'elle*!

Infeliz partido que tem chefes d'aquelles! Infeliz? Não; partido que depois d'uma d'estas não vae á redacção do *Seculo* e não atira com tudo pela janela fóra, não é feliz nem infeliz; é parvo, é imbecil, é asno, merece tudo quanto se lhe faça e não tem auctoridade nenhuma para reclamar dos adversarios o que elle é incapaz de possuir. Entretanto, diga-se a verdade, a indignação é vivissima entre os republicanos. Tenho visto os maiores amigos e admiradores do sr. Magalhães Lima falar d'elle com punhos cerrados, em termos da maior revolta misturados do maior sarcasmo. E é assim! Um typo que não leu o drama, que não conhecia o homem, que não viu nada, que não sabia nada e que embarca o partido republicano todo n'aquella galera! E' de lhe dar com um cacete.

Y.

## NOTICIARIO

Continuámos a proceder á cobrança das assignaturas. Esta se-

mana enviámos pelo correio recibos para Arcos, S. Lourenço do Bairro (Anadia); Azambuja, Barcellos; Alverca, Casal da Perrella (Villa Franca de Xira); Chaves, Setubal e Chamusca.

Aos cavalheiros, a quem elles dizem respeito, rogámos e esperamos o obsequio de os satisfazer, a fim de evitar nova emissão.

Registou-se no dia 12 do corrente, na administração do 4.º bairro de Lisboa, o nascimento d'um filho do nosso collega da *Sentinella da Fronteira*, Paulo da Fonseca. A creança recebeu o nome de Eduardo. Foram testemunhas os srs. José Maria de Sousa, industrial; Antonio Soares Monteiro, proprietario e Abilio David, jornalista. Tem-se notado muito que o sr. Alves Correia não haja descomposto no *Seculo* o sr. Paulo da Fonseca.

Partiu para Bragança o sr. Daniel dos Santos e Almeida, intendente de pecuaria d'este districto, que para alli foi transferido desatenciosamente, apenas para anichar no seu lugar um priminho do sr. Albano de Mello, que estava desempregado. E' realmente triste, que para dar grossa fatia a um afilhado, um ministro ainda se occupe a encomodar um empregado, que tem nota exemplar de serviço e de saber, comprovado por alguns annos de pratica.

O partido progressista tem uma grande vantagem para os apaniguados da sua egrejinha. Quem pertencer ao bando não passa fome. Sae logo despachado, remunerado, repimpado.

Por isso o sr. Daniel se foi á vela, tocado pela nortada progressista.

Tivemos hontem no Theatro Aveirense a recita de amadores, a qual prenociámos para hoje em virtude de falsas informações.

Pelo adiantado da hora nada mais podemos dizer n'este numero sobre o espectáculo.

Já pedimos ha tempo á camara municipal que attendesse ao desaforo d'um proprietario que no Bairro de S. Sebastião derribou o muro da sua quinta para alargar á custa de terreno publico, e provavelmente não providenciou, porque o fajardo continua na tarefa paulatinamente.

Ahi fica novo aviso. Aquillo é um escandalo, tanto mais rojento quanto descarado é o roubo. Se ao menos a creança fosse mais limpa, não dava tanto na vista.

Já se effectuaram as primeiras botadelas; quer dizer, algumas salinas já estão produzindo, mas o resultado é ainda insignificante.

O mercado de sal conservase estacionario. Talvez emquanto não for derogado o respectivo imposto, o genero não tenha cotação definida.

Algumas familias d'esta cidade já se acham a banhos, mas as thermas são ainda o ponto mais concorrido dos aveirenses enfermos.

Andaram por ahi uns garotos afadados explorando a caridade publica em nome d'uma infeliz mulher, do lugar da Quinta do Gato, que se acha entrevada, para o que traziam um attestado de pobreza assignado pelo prior da Vera-Cruz.

Aquelles garotos, porque não tem outra classificação quem pratica taes fajardices, foram dissipar o producto da subscrição na bebedice e na orgia, alardeando com a embriaguez a pilheria dos seus feitos. Dizem-nos que os filhotes são herdeiros e veseiros na graça.

O publico fica prevenido para os correr com uma tranca quando lhe assaltarem a bolsa com o engodo do costume.

Grassam por ahi muitas intermittentes. Porem o estado geral da saude publica é boa.

No mercado apparecem á venda fructas pouco sazonadas. Os nossos pomareiros, por egoismo reprehensivel arrancam a fructa mesmo verde para alcançar preço mais elevado, na gulodice do povo.

E' conveniente que a auctordade ordene de vez em quando uma visita á praça da fructa.

A Costa Nova do Prado vae receber na proxima quadra balnear o melhoramento que noticiámos o anno passado. E' uma estrada de madeira, construida em lanços moveis e de fórma a serem de facil remoção para acompanhar a mudança das praias de banho.

O caminho terá um ponto de partida invariavel. O terminus é que ha de seguir as contingencias do mar. D'esta maneira, o publico não tem já a grande estopada de percorrer em areia o trajecto incommodo e anti-hygienico dos palheiros á borda do mar.

A Costa Nova estava-se depreciando visivelmente, e com certeza a essa decadencia não era extranha a consideravel distancia que separa o oceano das habitações. A camara d'Ilhavo é que nunca se importou com esse obstaculo que a vontade particular vae remover este anno.

A iniciativa é louvavel. Ao corpo municipal d'Ilhavo cumpria fazer por sua vez alguma coisa em favor d'aquella costa, que se destaca tão desagradavelmente das mais praias do paiz.

O governador geral da provincia de Cabo Verde pediu a sua exoneração, por que o governo do sr. D. Luiz de Bragança se negou a dar-lhe cem contos para matar a fome aos infelizes habitantes d'aquella ilha.

O governo foi coerente e nada mais.

Para as ultimas bachanaes realengas houve dinheiro á farta. Houve-o para augmentar o ordenado do filho do rei, mas não o houve nem o ha para salvar da miseria os filhos do povo que em Cabo Verde luctam com os honores da fome.

Um amator de estatisticas, publicou ultimamente os seguintes dados a que não falta, por certo, interesse:

Até ao anno de 1886 tem havido no mundo 2:500 imperadores e reis que governaram 74 povos.

Agora, o destino d'alguns d'esses monarchas:

Tresentos foram vergonhosamente expulsos do throno, 64 viram-se forçados a abdicar, 28 appellaram para o suicidio, 23 enlouqueceram, 100 morreram na guerra, 123 foram feitos prisioneiros, 25 foram postos a torturas, 151 foram assassinados, 100 soffreram pena de morte.

Em França, uma velha que toda a vida fóra criada de servir, e n'este officio juntara bons vintens, não tendo parentes e só querendo dispôr dos seus teres em favor de pessoas que realmente lhe tivessem amizade, fez testamento, e á hora da morte escreveu ao prior da freguezia, mandando-lhe uma lista de amigos e pedindo-lhe que os fizesse convidar a todos para o seu enterro.

O prior cumpriu a ultima vontade da parochiana e fez os convites; só foram, porém, ao enterro um aguadeiro e uma costureira. Finda a solemnidade funebre abriu-se o testamento. A testadora dispunha que a sua fortuna fosse repartida pelas pessoas que a acompanharam á ultima morada e por isso o aguadeiro e a costureira apanharam cada um réis 3:600\$000.

Os outros amigos que não se quizeram incomodar ficaram a ver navios.

Eis a nota do estado da divida fluctuante em 30 de junho findo. Interna: Caixa dos depositos 100:000:000 Credores no paiz... 6.473:337:605

Estrangeira: Diversos credores. 4.995:281:690 Comptoir d'Escompte... 1.533:002:470

Total... 13.431:621:764 Era em 21 de maio 12.444:098:295

Augmentio. 687:523:295 Falharam os calculos dos orates progressistas. O delirio da festa haviam de ter fatalmente d'estes resultados.

Referem de Ponta Delgada que as vinhas do archipelago annunciam uma abundante colheita.

Segundo o relatorio da comissao encarregada da direccao da reparticao de instrucção nos Estados Unidos, o numero de alumnos das escolas primarias eleva-se a quatorze milhoes com 259:296 professores sustentados pela republica, dos quaes 152:000 pertencem ao sexo feminino e 107:296 ao masculino.

No nosso Portugal da-se exactamente o contrario. A instrucção primaria abandonada, os professores á espera dos seus vencimentos que alem de serem pagos tarde e a más horas são exiguos de mais, uma cifra de analfabetos representada por 86 por cento, quer dizer que em 4:550:600 habitantes ha nada menos de 3:751.774 analfabetos!!

CONTRA A DEBILIDADE Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O governo francez vae estabelecer no departamento do Seine uma colonia agricola destinada aos menores moralmente abandonados, doentes e indisciplinados.

A nova colonia é unicamente destinada a raparigas. Receberá 300 enfermas e 150 indisciplinadas que serão empregadas nos trabalhos de horta, lavagem de roupa, cosinha, costura, concertos de roupa, padaria, emfim em todos os trabalhos apreciados no campo e que possam despertar nellas os instinctos de donas de casa.

Em contrario ao que se faz nos estabelecimentos particulares, as creanças serão interessadas, pecuniariamente, nos lucros do trabalho.

A imprensa franceza tratando de esmiucar a nacionalidade das familias reinantes da Europa, mostra que nenhuma d'essas familias tem a nacionalidade dos paizes em que reinam.

Os Bourbons em Hespanha são francezes; os Hapsburgs de Austria, loronezes; os Coburgo da Belgica, allemães; a rainha de Inglaterra é imperatriz das Indias é uma Bruswich-Lanchurgo; o rei

Christiano da Dinamarca, é da casa Holstein; o rei Guilherme da Hollanda é allemão; o rei Jorge da Grecia, dinamarquez; allemães são-n'o tambem o rei Carlos da Roumania e o principe da Bulgaria; o rei da Suecia é neto do soldado francez Bernadotte, a quem fez rei o capricho de Bonaparte; o rei Luiz de Portugal é um Coburgo, e assim successivamente. Bem se diz que ninguém é propheta na sua terra.

BIBLIOPHATHIA

Arquivo Democratico.—E' uma serie de discursos de deputados republicanos, que principiou a ser editada pela Bibliotheca Democratica de Portugal e Brasil.

Recebemos a 4.ª caderneta. Assigna-se em Lisboa, na rua dos Fanqueiros, 288.

Revista de Medicina Dosimetrica. Recebemos o numero 7 do 7.º anno Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

Republicas.—Sahiu o n.º 78 8.º da 3.ª serie). Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal.—Recebemos o fasciculo n.º 35. E' editora a Empresa Noites Romanticas. Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhoes do criminoso. Recebemos o fasciculo 31 d'este esplendido romance editado pela empresa Serões Romanticos. Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Ilustração Portuguesa.—Recebemos o n.º 51 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica. Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro» Rua da Alfandega, n.º 7

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O NOURO DE VENEZA DE WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por D. Luiz de Bragança

A venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto. Preço, 300 réis; pelo correio, 320.

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO (Reforma administrativa)

EMPRESA do «Parlamento» vae encetar brevemente a publicação d'esta utilissima obra, que depois da edição da folha official, é seguramente a primeira que se apresenta a publico.

Para este fim, as officinas typographicas augmentaram o quadro do seu pessoal com tão grande numero de operarios, que pode assegurar-se que a reforma administrativa levará apenas dois dias a transcrever do «Diario do Governo. Será, portanto, o primeiro codigo posto á venda, em todo o paiz.

A importancia d'um livro tão indispensavel a todos os cidadãos e a todas as repartições publicas, é por si só bastante recommendação para elle, n'esta oportunidade.

O novo Godigo Administrativo (reforma administrativa) que vae ser decretado proximoamente, dá um volume de perto de 480 paginas, formato grande, impresso em magnifico typo e bom papel. O seu preço para os srs. assignantes é de 500 rs. (franco de porte) e de 600 avulso. A assignatura acha-se desde já aberta só nos escriptorios da administração do jornal o «Parlamento», Aveiro, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos d'assignaturas do novo codigo.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis fracos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 103000 reis fortes.

Já se distribuiu o 1.º e o 2.º fasciculo d'esta obra notavel pela belleza dos retractos, pelo esmero da edição e pela competencia e elevação com que é escripta pelo conhecido escriptor José d'Arriaga.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição em todas as livrarias de Portugal e Brasil e na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recchem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposiçao de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e aprovado pela Junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetito, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. De posito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Venda de Carro

ACHA-SE á venda um phaeton novo na officina dos irmãos Gammellas, na rua do Sol, d'esta cidade.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 3850 réis!! Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Ar genterie Alfinide).

Por 3850 réis apenas

representando somente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa
6 garfos
6 colheres de sopa
6 bonitas colheres de chá
1 grande colher de terrina
1 grande colher de legumes
3 formosas oveiras massiças
2 chicanas para sobremesa
1 pimenteiro e assucareiro
1 formoso coador para chá
3 magnificos assucareiros
6 formosos apoios para facas

42 peças BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, II Helwigsgasse, 4, Vienna (Austria); remetendo adiantadamente 3850 réis por meio de ordem parti cular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica